

Criança, um ser em desenvolvimento



- ✓ O que é ser criança ao longo do tempo
- ✓ Crescimento e desenvolvimento humano
- ✓ Promovendo o desenvolvimento socioemocional

“

(....) o mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

Guimarães Rosa

”



Diferentes concepções do que é ser criança ao longo do tempo

A criança de ontem

De acordo com uma importante autora da área da infância, Clarice Cohn, para que possamos nos aprofundar nesta discussão, precisamos nos desvencilhar de antigos conceitos (como a ideia da “tabula rasa”, da inocência fundante da criança, de que elas são “o futuro” e não o presente, tornando-as “pequenos adultos”) e abordar o universo da infância, compreendendo o que é ser criança e como podemos contribuir de modo a favorecer e potencializar o seu desenvolvimento nesses primeiros anos de vida. A mudança de paradigma se dá, uma vez que passamos a investir nos anos iniciais, evitando esperar pelo que ela virá a ser. Sabemos que os primeiros anos de vida se constituem como um período de grande relevância, sendo concebidos como “janelas de oportunidade” para o desenvolvimento de todas as áreas (cognitiva, física, afetiva e socioemocional). Assim, as experiências vividas pela criança nesse período marcarão para sempre a sua vida. Por tudo isto, resolvemos discutir melhor alguns aspectos relevantes sobre o “ser criança”.

Na Idade Média, a criança era vista como diferente do adulto apenas por atributos físicos, como pelo seu tamanho e/ou força, sendo concebidas como “adultos em miniatura”. Tão logo terminavam de mamar e começavam a andar de modo mais independente, as crianças eram inseridas no universo adulto sem qualquer distinção. Participavam do cotidiano dos adultos, de seus assuntos e, muitas vezes, de suas responsabilidades. Até suas roupas assemelhavam-se às dos adultos. Nessa época, não havia o que os autores chamam de “sentimento de infância”, caracterizado pela consciência das particularidades dessa etapa do desenvolvimento, com diferentes modos de pensar e sentir e com diferentes necessidades, que se distinguem essencialmente do universo adulto. Nesse momento sócio-histórico, a criança era vista como um contraponto do adulto, considerando o seu

papel na sociedade, suas ocupações, participações e responsabilidades que eram pautadas nas responsabilidades da vida adulta.

A partir do século XVIII, com as reformas religiosas, o “sentimento de infância” começa a ser desenvolvido. A afetividade no contexto familiar ganha um maior destaque. A criança passa a ser concebida como um ser social e assume uma participação maior nas relações familiares e na sociedade, passando a ser vista como um indivíduo com características e necessidades próprias, diferenciadas do adulto. É reconhecida como inocente, ingênua e graciosa, e ao mesmo tempo como imperfeita e incompleta. O trabalho foi gradativamente substituído pela educação escolar, que também assume um importante papel, o de “formar para o futuro”. Assim, a criança passa também a ser concebida como “um investimento futuro”, de maneira que, mais uma vez não é valorizada em suas características e necessidades atuais.

A partir de então, surgem, cada vez mais, estudiosos preocupados em compreender diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, considerando ações pedagógicas, de saúde, privilegiando aspectos emocionais, da dinâmica familiar, bem como seu papel na sociedade.





E o que é ser criança hoje?

Nos dias de hoje, faz parte do “sentimento de infância”, ou seja, das peculiaridades dessa etapa do desenvolvimento, a busca pelo novo, pela exploração, pelo lúdico, pela alegria, pelo afeto e pela investigação. Entendemos que todas essas são características do universo da infância nos dias de hoje. Mas, vale ressaltar ainda a importância de considerar que diferentes contextos socioculturais terão forte impacto na maneira como tais peculiaridades se apresentarão.

Por exemplo, o modo de ser de uma criança moradora de uma grande cidade como São Paulo será diferente de uma criança que nasceu e cresceu em um vilarejo no interior de Pernambuco. Isso acontece porque as relações que ela estabelecerá, os aparatos culturais que farão parte da sua vida, os valores de sua comunidade, dentre outras coisas, serão diferentes e é na relação com tais aspectos que se dará o desenvolvimento da criança, de seus hábitos, crenças, valores e visão de mundo. É o que chamamos de concepção sócio-histórica de desenvolvimento. Ou seja, a criança, ao mesmo tempo apresenta características comuns a outras crianças (o sentimento de infância falado acima), mas também se constitui como um ser único.

Quando vemos a criança como um ser único, somos convidados a olhar também para as muitas infâncias que temos hoje e, assim, saímos da busca da uniformidade e homogeneização e passamos a considerar e valorizar as singularidades, diversidades e heterogeneidade.

Outra característica importante da criança de hoje é o seu caráter de protagonismo. Já não são vistas como seres passivos. Pelo contrário, são concebidas como atores sociais, protagonistas de seus processos de desenvolvimento e socialização. Portanto, conhecer a criança implica em escutá-la, enxergá-la em suas particularidades, desenvolver um olhar atento e sensível tanto para o que ela pode estar dizendo com sua voz e suas ações, como também para o seu contexto sociocultural, além de concebê-la como produto da sua cultura, mas também como produtora dessa mesma cultura.

Ainda considerando algumas características importantes da criança de hoje, destacamos ser está um “sujeito de direitos”. E o que significa isso? Conceber as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos significa entendê-las como seres especiais por estarem em desenvolvimento e, para garantir um desenvolvimento saudável, precisam ter alguns direitos garantidos pelo Estado, pela sociedade e pela família.



Nessa direção, destacamos o art. 227, da Constituição Federal que diz: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Nesse sentido, cabe ao Estado construir e promover políticas públicas que possam contribuir para garantir um desenvolvimento infantil pleno e saudável. Cabe ao Estado, à sociedade e à família promover os direitos garantidos constitucionalmente e, em decorrência, a proteção integral concebida como prioridade. Assim, nas últimas décadas, essa passou também a ser uma importante característica da criança de hoje, são sujeitos de direitos.

Considerando agora o universo escolar, de modo compatível com essa concepção, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasília, 1998), “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. Sendo assim, um dos grandes desafios dos profissionais que atuam

na Educação Infantil consiste em lidar com as crianças considerando suas particularidades e realidades socioculturais, considerando o jeito particular da criança de ser e de estar no mundo.

Ao questionarmos a maioria das pessoas (sejam profissionais ou não) sobre a primeira infância, ainda é possível notar que são priorizados aspectos que giram em torno do que esta criança vai “vir a ser” no futuro. Por mais que se pretenda pensar na criança como um sujeito ativo e produtor de culturas, grande prioridade é dada ao preparo do que se almeja dela para o futuro. Tal anseio é natural, mas não deve prejudicar o reconhecimento das demandas e necessidades da criança no presente. Inclusive, com base nas pesquisas da Neurociência, hoje sabemos que muito desse “futuro” será determinado por um bom desenvolvimento dessa criança no presente.

No entanto, ainda é muito comum a preocupação dos pais para que a criança aprenda logo a ler, que fale logo mais de um idioma, que tenha bom desempenho em esportes etc., pois isso “garantirá” um bom futuro. Isso não é verdade. Tantos estímulos podem, inclusive, ser um estressor e atrapalhar o desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo que também pode fazer com que a criança pule etapas do desenvolvimento necessárias para uma aquisição posterior.



Disto é que surgem as problematizações sobre a concepção da infância na atualidade: a criança já é no presente ou será somente no futuro? Deve ser considerada no presente ou deve ser vista somente como virá a ser no futuro?

Já sabemos essa resposta, não é? É apenas se desenvolvendo bem no presente que a criança poderá vir a ter um bom futuro. Ou seja, ao valorizar de forma enviesada o que ela virá a ser no futuro, corremos o risco de deixar de investir na criança do presente, atribuindo a ela funções pouco adequadas a sua fase do desenvolvi-

to, isto ocorre quando são priorizadas múltiplas formações acadêmicas que são supervalorizadas como maneiras de prepará-la para o futuro na sociedade.

Priorizar atividades inadequadas pode, em muitos casos, gerar uma super carga de atribuições à criança e ser pouco eficaz para sua fase do desenvolvimento. Além disto, tais medidas acabam substituindo atividades essenciais para este período e em algumas circunstâncias, reduzem drasticamente o prazer da infância e o tempo para o brincar.

Crescimento e desenvolvimento humano

Qual é a diferença entre o crescimento e o desenvolvimento humano?

O crescimento são as mudanças de tamanho, forma e características do corpo, as quais acontecem desde o momento que começamos a nos formar na barriga da nossa mãe. Ao chegarmos ao final da adolescência ou a meados da segunda década de vida, percebemos certo estabelecimento nas modificações corporais (como no nosso tamanho, por exemplo). Contudo, vale salientar que, por sermos seres em constante mudança, nossas características fisiológicas mudam ao longo de todo o ciclo vital. As mudanças no processo de crescimento humano podem ser observadas, medidas e qualificadas e, por isto, são chamadas de mudanças quantitativas.

Já quando nos referimos ao desenvolvimento humano, incluímos tanto as mudanças quantitativas quanto as qualitativas (não mensuráveis), as quais estão relacionadas às várias etapas pelas quais passamos ao longo de todo o nosso ciclo de vida. Se as mudanças quantitativas se referem aos aspectos físicos do crescimento, as qualitativas dizem respeito às mudanças cognitivas (relativas às nossas capacidades mentais) e socioemocionais (nossos relacionamentos com nós mesmos e com os outros), desde o momento em que a pessoa se forma na barriga da sua mãe até a sua morte.

Essas mudanças acontecem de maneira ordenada, são comuns à maioria das pessoas, e servem para nos tornar competentes para responder às nossas necessidades e às do nosso meio. É a isto que chamamos de desenvolvimento humano!



Mas que tipo de mudanças são essas?

O cérebro do bebê ao nascer corresponde a 25% do cérebro adulto. No segundo ano de vida, corresponde a 70%, ou seja, em apenas um ano, o cérebro apresenta quase o triplo em tamanho. Aos 3 anos chega a 82%. São 86 bilhões de neurônios ao nascimento que vão entrando em comunicação uns com os outros, formando um milhão de conexões por segundo. Assim, aos 3 anos, a criança tem o triplo de conexões em relação ao adulto. Como o adulto tem cerca de 86 trilhões de conexões, a criança de 3 anos terá cerca de 258 trilhões (KUHL, 2020). Esses números nos dão uma visão geral da importância deste período de desenvolvimento pela imensa capacidade que uma criança pequena tem para aprender.

OS PRIMEIROS 6 ANOS

Esse é momento na vida em que se desenvolve a fala, a função simbólica, o pensamento espacial e o pensamento geométrico.

O cérebro se desenvolve pela integração dos fatores biológicos com a cultura e a vida social. A criança nasce e cresce em uma comunidade e é através do contato com as pessoas, os objetos e a cultura existentes nesta comunidade que ela se desenvolve, que ela aprende muito sobre si própria e sobre o que a rodeia. A natureza tem um papel importante como contexto. Mesmo que às vezes dificultado pela vida em regiões urbanas, o convívio com a natureza é fundamental para o desenvolvimento infantil: o meio natural serve ao desenvolvimento físico saudável e promove o desenvolvimento da percepção, possibilita o movimento mais livre do corpo no espaço, entre outros aspectos fundamentais. Por isso, atualmente, se enfatiza incluir no currículo da Educação Infantil a vivência com a na-

tureza, que também contribui para formar valores de preservação do meio ambiente.

Neurônios fazem conexões movidos por ações, atividades, experiências e interações envolvendo os sentidos, o movimento e as emoções. A frequência de atividades e experiências auxiliam na formação de memórias que estarão disponíveis para a criança em idades futuras. As crianças aprendem, também, formas de realizar certas atividades repetidamente e a construir ou reconstruir experiências ao compreenderem e incorporarem os procedimentos que propiciaram determinados resultados.

Os primeiros 6 anos de vida constituem um momento importante do processo de desenvolvimento humano para desenvolver a fala, a função simbólica, o pensamento espacial e o pensamento geométrico. Também para desenvolver a imaginação e formar acervos de memória. É o período em que se formam a percepção do outro, a expressão das emoções, a convivência social e as formas de organização da vida coletiva.

Os estudos do cérebro nos primeiros anos de vida revelam que, mesmo quando o bebê ainda não apresenta a fala, as áreas da fala no cérebro são ativadas durante atividades como brincar, ouvir música e ouvir a fala materna e mesmo as estrangeiras até um certo ponto.

Pesquisas e estudos mostram que é mais adequado promover o desenvolvimento infantil ao máximo de suas possibilidades neste período do que buscar complementar, retomar ou estabelecer certos comportamentos posteriormente. Daí a relevância da Educação Infantil na vida das crianças.



Vamos dar exemplos práticos:

Quando o bebê está ainda no útero, na barriga de sua mãe, vive em um ambiente escuro e protegido onde não há cores, os ruídos são abafados, não existe força da gravidade e praticamente nenhuma ameaça ou desafio. Nesse período, só desenvolvemos aquelas mudanças que estão programadas biologicamente para ocorrer (exceto se fatores externos interferirem nesta fase da vida), necessárias para sustentar o nosso desenvolvimento pós-natal (como as primeiras estruturas do cérebro e do corpo, os órgãos vitais e alguns reflexos), assim como a capacidade de aprendizado (porque nosso cérebro já vem programado geneticamente para aprender) e rústicas habilidades sensoriais como a audição e a sensibilidade ao toque e à luz.

Ao longo da vida intrauterina, não desenvolvemos capacidades mais refinadas - como a visão de profundidade, o raciocínio ou os movimentos

voluntários -, porque não há necessidade de desenvolver tais funções para nos adaptarmos àquele ambiente onde estamos, e nem existem estímulos suficientes para que isso aconteça.

Depois que nascemos, a nossa vida extrauterina começa a nos apresentar uma série de novos estímulos, exigindo capacidades de adaptação cada vez mais complexas - ao que o nosso cérebro e nosso corpo respondem se aperfeiçoando e desenvolvendo cada vez mais habilidades, de acordo com os estímulos oferecidos e o estágio de maturidade biológica em que nos encontramos. É assim que, gradualmente, vamos desenvolvendo mudanças que podem ser separadas em 3 categorias, denominadas de domínios do desenvolvimento. São eles os domínios físico, cognitivo e socioemocional.

Embora tratemos separadamente de como estimular os domínios físico, cognitivo e socioemocional, os três estão inter-relacionados.



Incentivando o desenvolvimento físico

Fazem parte do domínio físico: o crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais as habilidades motoras e a saúde.

Professores podem fazer muitas coisas para incentivar o desenvolvimento motor em bebês. Tente manter as crianças em uma posição mais livre e menos dependente durante as horas em que estiverem acordadas. A pesquisa de Emmi Pikler demonstra que mesmo os bebês mais jovens mudam de posição numa média de uma vez por minuto (PIKLER, 1972; PETRIE; OWEN, 2007). Logo, se estiverem presos em uma cadeirinha de bebê ou num balanço, eles não conseguirão fazer o que fariam naturalmente. Evite engenhocas que deixem as crianças presas. (Obviamente cadeirinhas para automóveis são uma necessária exceção.)

Estimule os bebês a praticar o que eles já sabem como fazer. Bebês ficam prontos para o próximo estágio treinando o que seja que estejam fazendo no estágio atual. Tentar ensiná-los a rolar ou caminhar não permite que eles explorem e aperfeiçoem as habilidades que já possuem. Eles alcançam cada meta apenas quando estão prontos, e o cronograma interno de cada bebê é que irá dizer quando isso acontecerá.

Permita que os bebês mudem de posição sozinhos. O processo de posicionar-se é mais importante do que estar na posição - esse processo incentiva o desenvolvimento. Os bebês ficam prontos para levantar depois de conseguirem sentar e engatinhar, e não porque alguém os coloca em pé.

O corpo precisa de certa quantidade de estresse para crescer. Evite “resgatar” os bebês quando eles estiverem em uma posição desconfortável, em vez disso, espere e veja se eles conseguem sair dessa posição sozinhos. Obviamente, não se deixa bebês muito estressados sozinhos e sem apoio, mas também não queira deixar tudo sempre mais simples para eles. Um estresse razoável (ou ideal) estimula o crescimento, aumenta a motivação e fortalece tanto o corpo quanto a mente.

Acima de tudo, facilite o desenvolvimento em todas as áreas de habilidade motora, mas não motive para forçá-lo. Como vivemos em uma cultura “apressada”, algumas pessoas ficam muito ansiosas em relação aos bebês atingirem as metas “em tempo” ou mesmo antes do previsto. “Com o tempo” é um guia melhor para se atingir tais metas. Cada bebê tem o seu tempo. Não há motivos para impor a um bebê o tempo de outro. A pergunta que se deve fazer é: o quão bem o bebê está usando as habilidades que tem? Outra pergunta é: ele está progredindo no uso de tais habilidades? Com esses dois conceitos em mente, você não precisará se preocupar se os bebês se encaixam nos quadros de metas.



Incentivar o desenvolvimento de crianças pequenas segue os mesmos princípios que se aplicam aos bebês. Crianças pequenas precisam de liberdade para se mover e experimentar uma variedade de formas de usar as habilidades que possuem. As atividades envolvendo os músculos grandes não podem ser reservadas apenas para os momentos ao ar livre, mas também devem ser estimuladas nos espaços fechados. Um ambiente suave - com travesseiros, colchões, almofadas de espuma e tapetes espessos (em ambientes fechados) e grama, areia, colchões e esteiras (em ambientes ao ar livre) - ajuda as crianças a rolar, pular, cair, levantar e circular ao redor. Vários equipamentos que auxiliam nas brincadeiras de escalar e deslizar (tanto para ambientes fechados quanto abertos) permitem que a criança experimente uma grande variedade de habilidades.



Perambular com objetos, carregar e esvaziar coisas são habilidades motoras amplas que as crianças pequenas praticam muito. Em vez de vê-las como negativas, os professores podem prevê-las no currículo, disponibilizando objetos para serem despejados (e realocados). Perambular com coisas na mão em geral envolve pegar objetos, carregá-los para outro lugar e largá-los no chão.

Algumas vezes eles são ativamente descartados, e outras, apenas largados – abandonados como se estivessem sido esquecidos. Esse é um comportamento comum em crianças de dois anos. Em geral, à medida que ficam mais velhas, elas conseguem passar cada vez mais tempo investindo em atividades específicas. Quanto mais se aproximam dos três anos, menos as crianças tendem a passar longos períodos do dia se movendo de um lugar para outro. Mas no início da infância esse movimento constante faz parte do desenvolvimento da motricidade ampla, e o ambiente, tanto fechado quanto ao ar livre, precisa ser configurado para dar conta dessa necessidade.

Lembre-se também de que uma alimentação pobre contribui para que a criança fique mal nutrida, sem a força muscular e óssea necessária para o desenvolvimento motor normal e atividades relacionadas. Crianças desnutridas podem também desenvolver problemas no sistema nervoso central, o que pode limitar a coordenação e o controle motor. Bebês acima do peso também podem ter um desenvolvimento limitado.

Uma precaução a respeito das novas informações sobre o desenvolvimento do cérebro: fique atento a qualquer publicidade que use as pesquisas sobre o cérebro para vender brinquedos e outros materiais. Experiências e interações naturais do dia a dia são a melhor forma de incentivar conexões neurais significantes. A interpretação desses

estudos deve ser feita com cuidado e sensibilidade, e o fato de cada criança ser única deve sempre ser considerado.

Repare se você não está incentivando o movimento motor amplo mais em meninos do que em meninas. Meninas precisam de corpos fortes e habilidosos tanto quanto os meninos. Ambos os sexos, na infância, gostam de “brincar de pegar”. A liberdade de rolar no chão, pular em pilhas de travesseiro, travar lutinhas e dar cambalhotas é apropriada tanto para meninos quanto para meninas. Música e movimento, dança e brincadeiras de rodas incentivam todas as crianças a se mexerem e se divertirem. Caminhe e observe coisas interessantes no caminho. Apenas lembre-se de dar às crianças oportunidades de escolha e de mantê-las em grupos pequenos.



O brincar favorece o fortalecimento muscular e o equilíbrio, o que contribui para o desenvolvimento motor



Comportamentos que evidenciam o desenvolvimento das habilidades motoras

Bebês pequenos (até 8 meses)

- Usam muitos reflexos complexos: procuram algo para chupar; seguram-se para não cair; mexem a cabeça para evitar a obstrução da respiração; evitam a claridade, cheiros fortes e dor;
- Alcançam coisas e as apertam;
- Levantam a cabeça, mantêm a cabeça levantada, rolam, manipulam e mudam objetos de lugar.

Bebês que se movem (até 18 meses)

- Sentam;
- Engatinham e se erguem para levantar;

- Caminham, inclinam-se, andam aos trotes, andam para trás;

- Jogam objetos para longe;

- Ensaiam rabiscos no papel.

Crianças pequenas (até 3 anos)

- Sobem e descem escadas, conseguem pular um degrau;

- Chutam a bola, conseguem se manter sobre apenas um dos pés;

- Rabiscam no papel, lidam com objetos pequenos e estreitos (fios, miçangas), conseguem usar a tesoura;

- Desenham círculos.

Fonte: Copple e Bredekamp (2009)

Apoiando o desenvolvimento cognitivo

O desenvolvimento cognitivo é promovido quando se estimula as crianças a explorarem um ambiente convidativo, ou seja, rico em experiências sensoriais. Quando são dadas às crianças oportunidades de brincar com objetos do jeito que elas querem, elas encontram problemas, que são a base da educação de bebês e crianças. Permitir que bebês e crianças resolvam os tipos de problemas que encontram ao longo do dia promove o seu desenvolvimento cognitivo. A liberdade de escolha assegura que as crianças encontrarão problemas que têm um significado para elas. Resolver os problemas de outras pessoas não é nem de longe interessante, para a maioria de nós, quanto resolver aqueles relacionados a algo com que realmente nos importamos.

Ajuda muito na resolução de problemas se os adultos fazem coisas do tipo adicionar palavras (rotular os inputs sensoriais - “Este foi um baru-

lho alto” ou “Esta esponja está muito molhada”). Além disso, os adultos podem ajudar fazendo perguntas, indicando relações, refletindo sentimentos e apoiando a criança em geral.

Estimule as crianças a interagirem umas com as outras durante a resolução de problemas. Os estímulos que as crianças recebem das pessoas com quem convivem podem ser úteis e também podem mostrar outros meios de solucionar um problema.

IMPORTANTE

Fazem parte do domínio cognitivo: aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade.



Lembre-se de que tanto Piaget quanto Vygotsky acreditam que a interação - com objetos e com outras pessoas, especialmente colegas - promove o desenvolvimento cognitivo. Inclua jogos dramáticos próprios para crianças pequenas nas atividades. Ao fingirem, elas constroem imagens mentais que são muito importantes para o processo de pensamento.

Não existe necessidade de criar experiências “acadêmicas” para as crianças. Elas aprendem noções significantes que estão incluídas na vida real, nas atividades do dia a dia. Conversas normais podem ensinar cores e formas - por exemplo, “Por favor, traga o travesseiro vermelho” ou “Você quer o biscoito redondo ou quadrado?” Noções numéricas, incluindo comparações de

peso e tamanho, são adquiridas naturalmente à medida que as crianças brincam com blocos e areia. Maneiras básicas de apoiar o desenvolvimento cognitivo incluem proporcionar experiências com uma grande variedade de materiais, dando a elas a oportunidade de configurar relações e estimulando aquele sentimento de que você é capaz de fazer as coisas acontecerem no mundo ao seu redor.

Experiências ao ar livre também proporcionam maneiras ótimas de estimular o desenvolvimento cognitivo em crianças pequenas. Quando elas passam pela experiência de cuidar de uma horta, por exemplo - plantar, regar, colher, preparar os seus alimentos e depois comê-los - elas realmente entendem o que a palavra horta significa.



Devido a todas essas associações, quando enxergam a palavra “horta” na forma escrita e já ouviram histórias relacionadas a ela, as crianças estão prontas para decodificar a palavra por si mesmas. Tais experiências de “alfabetização emergente” começam a criar nas crianças um interesse de descobrir o que seria ler e o que isso significa. Não há necessidade de ensinar o alfabeto para bebês e crianças pequenas. Proporcione experiências que construam noções e levem (na continuidade da alfabetização) a um prazer da leitura por si só.

DESAFIO

Construa uma pessoa completa, uma criança “como um todo”. Não foque apenas no desenvolvimento cognitivo ou o encare como separado do desenvolvimento total.

Bebês e crianças são naturalmente criativos. Se você não os prejudica com limites restritivos e ambientes pobres, eles lhe ensinarão a como usar brinquedos e materiais de um jeito que você jamais imaginou. A curiosidade é parte desse empurrão para a criatividade e precisa ser nutrida. Bebês e crianças são novos no mundo e querem saber como tudo funciona. Não querem que alguém explique, querem descobrir sozinhos. São cientistas. Não aceitam qualquer coisa, precisam provar todas as hipóteses. Alimente essa qualidade deles!



Pode ser útil lembrar a si mesmo que, de acordo com Piaget e Vygotsky, bebês e crianças:

- Estão envolvidos no processo de criar conhecimento a partir da experiência;
- São os construtores de seu próprio entendimento;
- Usam o processo de construção criativo para conferir sentido às suas experiências.

Nesse processo ativo, crianças pequenas aprendem a combinar coisas que já conhecem em seus mundos, de formas novas. Pense no desenvolvimento do jogo de fingir. Como resultado de explorar e manipular coisas, as crianças experimentam novas combinações e recombinações elementos conhecidos de novas maneiras. Essa é a essência da criatividade - o processo de combinar coisas conhecidas de maneiras novas.

A valorização da criatividade como parte do desenvolvimento cognitivo enfatiza a importância de planejar esse processo e permitir que ele se desenvolva. Quando uma criança pequena tem a oportunidade de explorar e experimentar, o entendimento é incentivado. Uma vez que as crianças compreendam como uma coisa funciona (em geral como resultado de brincar com ela), elas parecem naturalmente começar a usá-la criativamente. Exploração não é o mesmo que criatividade. Exploração é ponto de partida. Ao promover o desenvolvimento cognitivo, tente dar assistência a um processo de resolução de problemas criativo.

Incentivando o desenvolvimento linguístico

Pais e professores podem incentivar o desenvolvimento linguístico dos bebês usando a linguagem desde o início para se comunicar com eles. Fale com eles muito antes de eles conseguirem falar com você. Use uma conversa adulta, real, e inclua-os nas conversas com outras pessoas. Escute os bebês e estimule-os a escutar também. Pais podem ser muito úteis

auxiliando os professores no entendimento dos padrões linguísticos específicos de seus filhos. Mesmo bebês muito pequenos são reativos à linguagem, e o ritmo dos movimentos corporais deles corresponderá ao ritmo dos primeiros diálogos linguísticos.

Lembre-se de usar esses diálogos durante as rotinas de cuidado e durante os momentos destinados à brincadeira (quando apropriado).

Converse sobre o passado e o futuro com crianças muito pequenas e também sobre o presente. O “agora” pode ser a principal experiência dos bebês, mas, à medida que progredem na primeira infância, o ontem, a semana passada e o amanhã podem fazer parte das conversas também. Saber o que vai acontecer a seguir ajuda bebês e crianças a prever acontecimentos e a começar a entender os rótulos aplicados a coisas, eventos e pessoas.



Jogue jogos que envolvam sons e palavras. Conte histórias, cante músicas e recite ou invente rimas e poemas. Lembre-se de também incluir a linguagem nas atividades motoras amplas. Quando são ditas frases do tipo “Eu vi você no topo da escada, Jason”, Jason aprende sobre preposições e as relações espaciais que estão atreladas a elas.

Certifique-se de que as crianças pequenas tenham muitas oportunidades para conversar a respeito de suas experiências, à medida que o mundo delas começa a se expandir (bebês se deparam com conversas o bastante durante as rotinas de cuidado e as brincadeiras do dia a dia). Uma voltinha pelo pátio ou ao redor da quadra pode proporcionar material suficiente para conversar por um bom tempo. Figuras, objetos novos e um pouco de ciência e natureza podem despertar o interesse da criança e re-

sultar em diálogos espontâneos e discussões divertidas.

As perguntas podem ser instrumentos importantes para incentivar a linguagem. Faça perguntas que requeiram uma escolha: “Você quer um pedaço de maçã ou um pedaço de banana?” Faça perguntas com final em aberto (aquelas que não têm uma resposta “certa”): “O que você viu durante a caminhada?”. Perguntas limitadas (estas com apenas uma resposta certa - por exemplo: “Você viu um cachorro enquanto estávamos caminhando, não foi?”) também são boas, contanto que a criança goste delas e não se sinta interrogada. Estimule crianças pequenas a esclarecer aquilo que não entendem fazendo perguntas a si mesmas. Algumas vezes elas gostam tanto de fazer perguntas quanto de respondê-las e, assim podem coletar e praticar os rótulos que darão aos objetos.



Leia livros em voz alta para crianças que estão entrando na primeira infância. Leia para cada criança individualmente ou em pequenos grupos, quando houver interesse. Faça que esses momentos sejam frequentes, breves e espontâneos - uma atividade divertida, acompanhada de muito carinho e aconchego. O momento de ler historinhas deve se parecer mais com o que os pais fazem em casa do que com aquilo que fazem os professores pré-escolares na "hora da roda". Associar os livros com prazer é um dos pontos-chave quando se fala de alfabetização precoce.

A seguir, compartilhamos algumas orientações para o incentivo do desenvolvimento da linguagem:

- Envolver as crianças em diálogos durante as rotinas de cuidados e nos momentos destinados à brincadeira.
- Descreva o que se passa à medida que as coisas acontecem; use os rótulos que as crianças precisam conhecer;
- Fale com as crianças pequenas e interaja com elas; acalme-as e estimule-as a pensar sobre o que estão falando.
- Jogue jogos com sons, conte histórias e cante.
- Proporcione experiências interessantes às crianças pequenas, que por sua vez podem assim oferecer assuntos para as conversas; escute realmente o que elas têm a dizer.
- Ofereça às crianças um pouco mais velhas novas experiências para que possam falar sobre elas, relacionando-as com seu mundo expandido.
- Compartilhe novos objetos e novidades (por exemplo, aqueles que envolvem ciência e natureza) para despertar o interesse das crianças e estimulá-las a travar um diálogo divertido sobre isso.
- Use as perguntas como importantes instrumentos de linguagem e estimule as crianças a fazerem perguntas quando elas precisarem de mais informações.
- Torne as experiências com livros prazerosas para as crianças; aponte para as figuras, chame atenção para os sons que rimam e para os personagens engraçados.
- LEIA para os bebês.

Comportamentos que demonstram o desenvolvimento da cognição e da linguagem

Bebês pequenos (até 8 meses)

- Reagem a vozes humanas, contemplam rostos;
- Procuram por um brinquedo que caiu;
- Tentam fazer coisas acontecerem;
- Identificam objetos a partir de vários pontos de vista e encontram um brinquedo escondido embaixo de um cobertor que tenha sido colocado ali enquanto eles observavam;
- Usa comunicação com a voz e sem a voz para expressar interesse e exercer sua influência (chora para demonstrar angústia, ri para iniciar um contato social);
- Balbucia usando todos os tipos de sons;
- Combina balbucios: entende nomes de pessoas e objetos familiares;
- Presta atenção nas conversas.



Bebês que se movimentam (até 18 meses)

- Tentam construir coisas com blocos de brinquedo;
- Persistem na busca de um objeto desejado quando o objeto está escondido embaixo de outros objetos (por exemplo: um cobertor ou travesseiros);
- Usam algum tipo de bastão ou outro instrumento para alcançar os brinquedos;
- Empurram alguém ou algo que não querem;
- Cria frase balbuciadas e longas;
- Olha livros ilustrados com interesse, aponta objetos;
- Começa a usar mim, você e eu;
- Balança a cabeça pra dizer não, pronuncia duas ou três palavras claramente;
- Demonstra atenção intensa na conversa de adultos.



Crianças pequenas (até 3 anos)

- Ajudam quando os adultos as vestem ou desvestem;
- Entendem o uso de vários apetrechos domésticos;
- Usam seus próprios nomes e de outras pessoas;
- Começam a entender que os outros têm direitos e privilégios;
- Combina palavras;
- Presta atenção em histórias contadas, por um curto período;
- Tem um vocabulário de até 200 palavras;
- Desenvolve a fantasia por meio da linguagem, começa a brincar de faz de conta;
- Usa amanhã e ontem.



Promovendo o desenvolvimento socioemocional

Gostaríamos de destacar algumas estratégias que podem contribuir com o desenvolvimento socioemocional dos bebês e crianças pequenas:

1 - Estratégias de cuidado para promover a resiliência:

- Conheça as crianças sob seus cuidados (individualmente, culturalmente e em termos de desenvolvimento) e construa uma relação positiva e atenciosa com cada criança;
- Construa um senso de comunidade, de forma que cada criança experimente um sentimento de pertencimento ao mesmo tempo em que leva em conta os direitos e as necessidades dos outros;
- Construa relações consistentes com as famílias, que promovam a confiança e o respeito mútuo;
- Crie um planejamento claro e consistente em termos estruturais, de forma que as crianças possam fazer previsões sobre a rotina e, assim, possam sentir-se seguras;
- Torne o aprendizado significativo e relevante, de modo que cada criança possa enxergar as conexões e experimentar suas próprias competências;
- Use procedimentos de análise autênticos, como portfólios, de modo que as famílias possam apreciá-los e ter orgulho da forma única como seus filhos se desenvolvem.

IMPORTANTE

Fazem parte do desenvolvimento socioemocional: as emoções, a personalidade e as relações sociais.



2 - Estratégias de cuidados para ajudar as crianças a lidarem com seus medos:

- Aceite os medos das crianças como válidos; reconheça os medos delas e seja realista diante deles;
- Apoie as crianças e mostre que confia que elas encontraram maneiras de lidar com essas situações;
- Tente prever situações potencialmente ameaçadoras, quando possível; estimule os desconhecidos a se aproximarem das crianças lentamente, especialmente se eles estiverem vestidos de forma esquisita;
- Prepare as crianças para situações potencialmente ameaçadoras; diga a elas o que esperar;
- Decomponha as situações assustadoras em partes manejáveis;
- Associe a situação desconhecida (por exemplo, explorar os arredores) com um objeto familiar (por exemplo, segurar o brinquedo favorito);
- Dê tempo para que as crianças pequenas se adaptem a algo novo.





3 - Estratégias para incentivar o autodirecionamento e a autorregulação:

- Ajude as crianças pequenas a prestarem atenção em suas percepções; use palavras para nomear as experiências delas: "Esta sopa está quente", "Este barulho alto assustou você";
- Proporcione momentos tranquilos para que as crianças pequenas possam focar suas próprias experiências, especialmente quando estiverem profundamente envolvidas em alguma atividade;
- Ofereça um ambiente apropriado e relações estáveis, permitindo assim que o senso de autodirecionamento da criança pequena se desenvolva em direção ao que elas precisam fazer para crescerem e se desenvolverem (tarefas como engatinhar, caminhar ou falar); quando elas estiverem prontas para ir adiante, elas irão;
- Ofereça escolhas: quando se oferece escolhas a uma pessoa (de qualquer idade) ela se torna mais capaz de aprender com a experiência em questão, tornando-se assim mais competente e, por fim, mais confiante quanto às tomadas de decisão;
- Estimule a independência: seja presente e ofereça uma base de confiança a partir da qual seja possível que a criança se arrisque razoavelmente; relações de atenção e respeito permitem permanência e desapego.

4 - Técnicas de disciplina e orientação que apoiam o desenvolvimento social:

- Planeje o ambiente de modo a evitar possíveis locais de conflito; ofereça tempo, espaço e materiais o bastante para apoiar as necessidades que se desenvolvem durante o crescimento de bebês e crianças;
- Observe o temperamento e as particularidades de cada criança; algumas crianças conseguem fazer uso da linguagem para expressar sentimentos de insatisfação, outras podem extravasar as frustrações mais fisicamente;
- Esteja consciente de que às vezes as consequências naturais podem ser o melhor professor (por exemplo, dizer "Se você bate nele, ele não vai mais querer brincar com você" pode ser muito eficaz); esteja sempre consciente das questões relacionadas à segurança e disponível para explicar as consequências;
- Evite qualquer técnica de disciplina que inflija dor - física ou psicológica; a dor fomenta a agressão;
- Quando estabelecer um limite, explique o porquê. Crianças pequenas tendem a obedecer melhor se entendem o motivo de serem solicitadas a fazer algo; não espere que elas concordem imediatamente e permaneça disponível para repetir a explicação;
- Seja um exemplo do comportamento que quer ensinar; lembre-se de que a palavra disciplina vem de uma palavra latina que significa "ensinar"; indique o caminho mostrando à criança o que fazer.

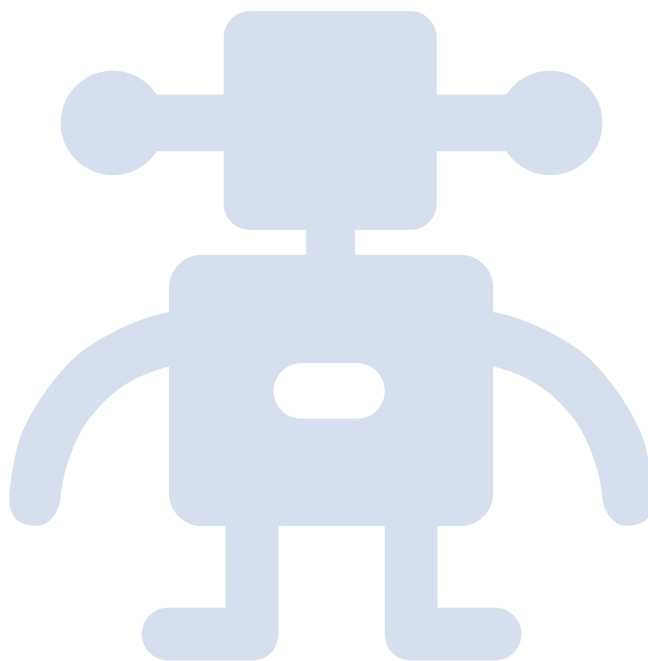


5 - Orientações para fomentar e ensinar habilidades pró-sociais:

- Crie um ambiente que fomente habilidades de autoajuda; siga uma rotina diária consistente e use figuras para etiquetar as diversas áreas do ambiente, para que as crianças possam encontrar e usar (e por fim retornar) materiais elas mesmas;
- Estimule as ideias das crianças pequenas; receba bem as suas contribuições e apoie os seus esforços em compartilhar, ajudar e se importar umas com as outras;
- Dê exemplos dos comportamentos que você quer que as crianças adquiram; demonstre preocupação com aquelas que estiverem tristes e diga "Obrigada" quando alguém compartilhar algo com você;
- Reconheça e apoie os esforços das crianças pequenas em cooperar; crie atividades que envolvam cooperação - por exemplo um projeto no qual as crianças possam trabalhar juntas para criar uma "figura conjunta";
- Desenvolva um senso de continuidade e estabeleça uma atmosfera na qual se possa esperar que as crianças apoiem umas às outras; use frases como "nosso grupo", "Todos os nossos amigos estão aqui" e "Veja o que fizemos juntos";
- Preste atenção em qualquer criança que seja sempre motivo de piada ou constantemente rejeitada; tanto agressores quanto vítimas precisam de atenção redobrada e muito apoio para se tornarem autoconfiantes e desenvolverem bons sentimentos sobre si mesmos;
- Plante as sementes da resolução de conflitos (mas não espere que elas floresçam até a metade da infância); estimule as crianças a falarem umas com as outras; dê a elas as palavras de que podem precisar, ajude-as a enxergar um segundo ponto de vista, auxilie-as a decidirem-se por algum tipo de conclusão e elogie as conquistas delas.



Ter um lugar na família, ser aluno em uma sala de aula, pertencer a um grupo de amigos. tudo isso ajuda no desenvolvimento social, conservando a individualidade da criança



Para finalizar

Os bebês estão recém nascendo - ao menos como objeto de atenção e cuidado - para muitos pesquisadores e educadores. Embora haja um crescente interesse pelo tema, notório no reconhecimento cada vez maior de sua importância no âmbito dos marcos legais sobre a infância, nos currículos, nos programas, no aumento do número de publicações a respeito e outras iniciativas, o fato é que experiências educativas sistematizadas, que contenham orientações mais precisas para uma pedagogia de bebês e crianças pequenas, ainda são escassas em nosso meio. É como se apenas recentemente suas necessidades e potencialidades educacionais tivessem sido percebidas.

Tal fato tem muitas explicações, uma delas está associada à tradição científica nesta área, advinda de pesquisas da medicina e da psicologia, por exemplo, que não possuem foco nas crianças pequenas no espaço educativo, mas, sim, a relação mãe-bebê, ou, quando muito, o bebê em uma perspectiva desenvolvimentista, isto é, como vir a ser criança maior, em direção à vida adulta.

Outra explicação encontra-se na histórica des-

qualificação social da infância, segundo a qual, quanto menor a criança, mais sem importância ela é, a ponto de tornar-se, verdadeiramente, invisível. Há, ainda, que se considerar o longo tempo em que a creche foi concebida como mero local de guarda, sobretudo das crianças pobres, no qual o trabalho realizado era de cunho essencialmente assistencial.

A criança é um sujeito de direitos, hoje. Ela tem influência sobre os acontecimentos e as ações realizadas com ela, razão pela qual seguir a sua iniciativa e reconhecer a sua capacidade independente de aprendizagem é decisivo para a participação na promoção de seu desenvolvimento e aprendizagem. São essas as características que definem o modo como deve ser a atuação dos adultos.

O certo é conceber a criança como ser digno de cuidado e propor ações concretas nessa direção. A primeira infância e, conseqüentemente, a escola de Educação Infantil não são tempos e lugares para improvisos, dessa maneira, esperamos que este fascículo tenha suscitado reflexões sobre a prática daqueles que foram afetados por esse texto.



PARA IR ALÉM

SUGESTÕES DE DOCUMENTÁRIOS E FILMES

O começo da vida

Um dos maiores avanços da neurociência é ter descoberto que os bebês são muito mais do que uma carga genética. O desenvolvimento de todos os seres humanos encontra-se na combinação da genética com a qualidade das relações que desenvolvemos e do ambiente em que estamos inseridos. O Começo da Vida convida todo mundo a refletir como parte da sociedade: estamos cuidando bem dos primeiros anos de vida, que definem tanto o presente quanto o futuro da humanidade?

Informações sobre o filme: [LINK](#)



Reprodução

O começo da vida 2: lá fora

Conexões genuínas entre as crianças e a natureza podem revolucionar o nosso futuro. Mas essa descoberta ainda é possível nos grandes centros urbanos do mundo? O novo capítulo de "O Começo da Vida" revela como esse pensamento tem sido transformador.

Informações sobre o filme: [LINK](#)



Reprodução

SUGESTÃO DE LIVRO

Por que o amor é importante

Autora: Sue Gerhardt

Os momentos em que os pais brincam, dão carinho, fazem cócegas, abraçam, acalmam e seguram os bebês no colo estimulam o cérebro e constroem conexões que são a base da inteligência, das habilidades e do desenvolvimento de seres completamente humanos. Este livro explica por que o afeto é essencial para o desenvolvimento do cérebro nos primeiros anos de vida e como essas interações iniciais podem ter consequências duradouras sobre a saúde física e emocional futura, que gerarão adultos resilientes, empáticos, bem-humorados e altamente eficazes nos relacionamentos interpessoais.



Reprodução

SUGESTÕES DE SITES PARA APROFUNDAMENTO E PESQUISA

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - [LINK](#)



Vídeos no Youtube

- Conheça o supercérebro: [LINK](#)
- Conceitos Fundamentais: 1 - As experiências moldam a arquitetura do cérebro: [LINK](#)
- Conceitos Fundamentais: 2 - O jogo de ação e reação modela os circuitos do cérebro - [LINK](#)
- Conceitos Fundamentais: 3 - O estresse tóxico prejudica o desenvolvimento saudável - [LINK](#)
- Série: BABIES - [LINK](#)
- Educação Infantil: qualidade e equidade - [LINK](#)
- O desenvolvimento cognitivo e as desigualdades no Brasil - [LINK](#)
- O impacto da desigualdade social no desenvolvimento infantil - [LINK](#)
- Qual a importância da primeira infância para a educação? - [LINK](#)



Siga o canal IBS Educacional no Youtube: <https://www.youtube.com/user/ibseducacional/videos>



Referências bibliográficas

COPPLE, C.; BREDEKAMP, S. (Ed.). Developmentally appropriate practice in early childhood programs. 3th ed. Washington: National for the Education of Young Children, 2009.

DAL COLETO, A. P. Percursos para a construção de indicadores da qualidade da educação infantil. 2014. 432 f. Tese (Doutorado em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon – Uma concepção dialética de desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas. Porto Alegre: AMGH, 2014.

HOHMANN, M.; POST, J. Educação de bebês em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

KÁLLÓ, Éva. BALOG, Györgyi. As origens do brincar livre. 1ª Ed. São Paulo: Omnisciência, 2017.

TOSATTO, Carla. O que é ser criança hoje? Atividades e experiências. Abril, 2009.



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br